

**Resenha | Book Review | Reseña**

***Teologia da Libertação na América Latina:  
novas frentes e a crítica do neoliberalismo identitário***

***Liberation Theology in Latin America:  
new fronts and the critique of identitarian neoliberalism***

***Teología de la Liberación en América Latina:  
nuevos frentes y la crítica del neoliberalismo identitario***

**Nelson Lellis\***

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política  
Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil  
E-mail: nelsonlellis@gmail.com  
Orcid: 0000-0002-3146-6087

**Como citar:**

Lellis, N. (2026). Teologia da Libertação na América Latina: novas frentes e a crítica do neoliberalismo identitário [Resenha do livro *Teologia da libertação na América Latina: novas sementes de inquietação*, McGeoch, G. (Org.)]. *Horizonte*, 24(01), e24(01)r02. [https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2026.e24\(01\)r02](https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2026.e24(01)r02)

O livro *Teologia da Libertação na América Latina* é organizado pelo escocês Graham McGeoch. Para os cinco capítulos, McGeoch reuniu cinco diferentes autores a fim de refletirem sobre a Teologia da Libertação (TdL), em que os novos ventos políticos, culturais e eclesiásticos parecem forçar outras portas de ação e compreensão dos movimentos religiosos que buscam dialogar com a justiça social, direitos humanos e afins.

O livro é dividido em cinco capítulos com recortes que permitem uma vaga

---

\*Doutorado em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

sistematização sobre as *novas sementes de inquietação*. Paulo Ueti assina o primeiro texto, intitulado *Encontros e desencontros de palavras e corpos: notas sobre leitura popular da Bíblia*. Nele, o teólogo apresenta narrativas bíblicas como exercício de leitura contextual, selecionando discursos de livros proféticos e de evangelhos a fim de legitimar sua interpretação ao lado de grupos marginalizados. O foco sobre esses grupos considera: a) a tradição do Êxodo, por fazer menção à narrativa sobre a libertação de Israel do Egito, tendo Javé escutado o gemido de um povo escravizado; b) parte da tradição dos profetas (uma vez que não se trata de um grupo coeso), cujo comportamento exerce a crítica contra a corte, a nobreza e aparelhos do Estado quando praticavam a injustiça, prejudicando camponeses, mulheres, estrangeiros sob os cuidados de Israel; c) o movimento do próprio Jesus, cuja companhia é caracterizada com os traços de um Reino de justiça, paz, dotado de um valor humanitário que recai sobretudo nos pobres (órfãos e viúvas) e que não poupa críticas ao carismatismo sacerdotal.

Esse tipo de leitura, que busca ressignificar o serviço de personagens e narrativas bíblicas a grupos marginalizados e o protesto feito a setores classificados como opressores, é posto em diálogo com as bases da TdL em um cenário de pobreza em países da América Latina (Shall, 1985)<sup>1</sup>. Com o aumento da população latino-americana (de 150 milhões em 1950 para 426 milhões em 1988) e os processos políticos mais diversificados, somados à crise da dívida externa, repressão financeira etc., uma teologia que lesse a bíblia a partir das demandas de sua realidade contemporânea e tirasse dela ferramentas para reformular a missão da igreja, teria o seu lugar (Shall, 1968 & Bittencourt Filho, 2014). No entanto, a TdL preocupou-se com os pobres não apenas no nível econômico; buscou atender os que mais padeciam. E quais seriam os grupos, para além dos pobres, que a TdL pretende alcançar? Veremos.

A leitura popular da bíblia, cuja pragmática estética (devoção – eu/eu) e política (prática, relacional – eu/tu) formam suas duas pernas, é uma dentre tantas outras que ajudam a compor a TdL. Isso não quer dizer que essa metodologia está isenta de conteúdo trazido de tradições. Como bem lembrada no segundo capítulo, Elizabeth S. Fiorenza (2013) já afirmava que qualquer teologia possui conexões com outros discursos e lutas (p. 26). Portanto, para além de Gustavo Gutiérrez e Rubem Alves, existiram autores que possibilitaram esse tipo de leitura através de categorias de análise. Eis aqui uma tensão diante de outros textos. O capítulo dois, de Ronaldo Cavalcante, *A teologia protestante de Rubem Alves: proto-história da Teologia da Libertação*, não apenas descreverá o itinerário acadêmico de Rubem Alves, como elaborará um importante quadro de referências no campo das humanidades para teólogos brasileiros no contexto

---

<sup>1</sup> Para aprofundar o assunto da pobreza no Brasil, sugiro Barreto, 2019.

da ditadura civil-empresarial-militar.

O que tudo isso nos dirá? Embora a (atual) TdL esteja desenvolvendo, como veremos nos próximos dois capítulos, uma crítica *decolonial* – por sua composição teológica eurocêntrica – os autores latinos construíram seus discursos com conceitos que eram produzidos na Alemanha, na França, nos EUA etc., e, inclusive, articulando determinadas categorias (tendo a *luta de classes* como protagonista) com suas próprias pesquisas em lugares como Princeton Theological Seminary. Contribuições de autores como Jürgen Moltmann, Dietrich Bonhoeffer, Oscar Cullman, Reinhold Niebuhr, Paul Tillich e do próprio Karl Marx, permitiram que a teologia de grupos mais progressistas tivesse como pautar suas reflexões em processos que gerariam produtos acadêmicos sistemáticos tanto para seminários quanto para debates, promovendo – e esse era o motivo – ações que correspondessem a caminhos de dignidade e humanização através da fé.

Ligado a esse quadro de referências bibliográficas, estavam críticos sociais do Brasil, como Nelson Werneck Sodré (para pensar, a partir do marxismo, a formação histórica no Brasil), Celso Furtado (para se discutir a relação do desenvolvimento econômico e a promoção da igualdade social), Josué de Castro (para se entender a *geografia da fome* e a reforma agrária), Álvaro Vieira Pinto (que fazia crítica ao movimento integralista e a setores da igreja católica que contrariavam ideias de desenvolvimento nacional e protagonismo das massas). Não é de somenos importância, nem mesmo uma declaração provocativa, afirmar o quanto teólogos da libertação construíram seus caminhos de interpretação da bíblia para ações na sociedade fazendo uso de outros contextos nacionais e publicações que discutiam realidades com cenários minimamente semelhantes, no que se refere à luta por justiça, igualdade, combate à fome e opressão a grupos marginalizados.

Os dois próximos textos, *Entre espírito e desejo: breve cartografia das Teologias Queer na América Latina* (Hugo Cordova Quero) e *Teoquilombismo: Teologia Negra entre Teologia Política e Teologia da Inculturação* (Cleusa Caldeira), desenvolverão exatamente as novas frentes dessa TdL. O cenário da *opção pelos pobres* (p. 88) parece não ter sido suficiente para outros grupos que ainda sofriam discriminação e violências. Trata-se da discussão da relação entre religião e a comunidade LGBTQ+ e de cor. Como *habilitar* o trânsito de pessoas ao evangelho se, em passado recente, a igreja manteve gays, mulheres, negros e outros em exclusão, em subalternidade, através de interpretação conservadora ou fundamentalista da bíblia? Hugo Cordova trabalha a importância da interseccionalidade entre gênero e classe para se pensar novos tipos de libertação em chave teológica. Mesmo com um discurso decolonialista, há muitos textos citados em ambos os capítulos em inglês (pp. 87, 95, 98, 99, 101) – o que ratifica a

importância, como dito anteriormente, de autores que também produzem fora da América Latina com avanços para além daquela estrutura religiosa criticada; dito de outro modo, grupos classificados como *opressores*.

A Teologia Queer é colocada em contraposição às teologias clássicas por serem, estas, formadas em tradições com intuito missionário; com isso, seria aquela considerada uma *teologia versátil* (p. 110), não hegemônica, mas fluida para garantir a interdisciplinaridade, interseccionalidade, considerando novos problemas sociais e buscando garantir voz e vez àqueles que são impedidos em determinados cenários da teologia clássica.

Já o *Teoquilombismo*, ecoando a tradição decolonial, critica o sistema capitalista e tem o objetivo de trabalhar “para a descolonização da subjetividade, para que a pessoa negra se torne agente da própria libertação” (p. 120). O conceito apresentado no capítulo une política e teologia a partir de um lugar comum: a cor. Com o crescente movimento entre progressistas evangélicos, a demanda na produção e consumo de conteúdo sobre o tema também aumenta. A publicação da Teologia Negra norte-americana, como os livros, lançados pela própria editora Recriar, de autores como James H. Cone e W. E. Burghardt Du Bois, tem servido a esse público. Há também obras de angolanos (Emiliano Jamba e Júlio M. Estendar), que elaboram – ou *teologizam* – seus discursos de fé considerando as esferas culturais, religiosas, históricas da África.

A nova esquerda (Scruton, 2014; 2018) – composta também por teólogos –, que busca, desde finais do séc. XX dar conta de reivindicações para além das de classe, abriu as portas, sobretudo na Europa e nas Américas (Gonçalves [2022] discute esse reflexo na África), para uma luta política essencialmente simbólica, cujas pautas levantadas ainda apresentam poucas alternativas reais. Nessa nova esquerda, encontramos outras tonalidades com cristãos que se apresentam e são classificados – em oposição aos conservadores – como *progressistas*; e, como consequência, produtores de Teologias (no plural) da Libertação. O livro aqui resenhado, especificamente nesses dois capítulos, enfrenta essa linha tênue entre uma luta realmente pela igualdade e o discurso/produção teológico(a) simbólico, sem a garantia que o identitarismo oferece acerca de uma *moeda comum* (Martins, 2019 & Lilla, 2018). Diga-se de passagem, o próprio estudo sobre a teologia queer está sujeito a rupturas e discordâncias, com metodologias que ora dialogam com a ciência (como a biologia) ora a desprezam. A psicanalista Gila Ashtor (2021), por exemplo, ainda que encontrando teóricos contrários, entende que a abordagem da metapsicologia pode ajudar nos estudos da própria Teologia da Libertação e nas relações de fiéis que se identificam com determinado gênero e sofrem certos tipos de rejeição em suas comunidades.

No último capítulo, *Teologia e temporalidade: uma reflexão sobre a rebelião das*

*vítimas*, Luis Martinez Andrade reflete sobre o papel da lembrança e da redenção messiânica em Walter Benjamin, bem como “o conceito de estado de rebelião, a fim de compreender os movimentos emancipadores que tentam quebrar o *continuum* da história”, a partir da leitura que Enrique Dussel faz de W. Benjamin e dos escritos do apóstolo Paulo. Aliás, Paulo passa a ser uma fonte para discussão através dos estudos de Giorgio Agamben, Alain Badiou, Slavoj Žižek, Eduardo Hoornaert, dentre outros. A finalidade é discutir certa contemporaneidade do autor dos tempos bíblicos no que se refere a uma singularidade universal (Gálatas 3,28). Por outro lado, a ideia de lembrar os escritos paulinos também ajudaria a pensar o amor enquanto serviço e, sobretudo, uma hermenêutica que fosse diferente da concepção hegemônica. Dussel fará uso da crítica paulina à lei romana sob o conceito de *estado de rebelião* para restauração da justiça, outrora desviada pela Lei (Romanos 8,18-21). Consequentemente, a comunidade messiânica entende ser o momento para ruptura, em que movimentos revolucionários surgem na história (p. 160).

O livro *Teologia da Libertação na América Latina* aborda algumas dessas novas sementes. O universo da TdL foi ampliado. Já existem produções acerca de outras frentes importantes nesse debate, como a Teologia Feminista da Libertação e a preocupação com a ecologia, que reflete não apenas sobre crise climática, mas também o valor da terra para o cultivo e alimentos sem agrotóxico. Há que se reconhecer, no entanto, as inquietações da obra: a mutação da Teologia da Libertação, os conflitos sociopolíticos e, atualmente, as identidades enquanto intersecção.

Neste último aspecto, paradoxal, teríamos uma TdL que desloca seu foco do capitalismo para a cultura, reorganizando o imaginário coletivo de forma fragmentária. A sociedade em inúmeros grupos que, por sua vez, apresenta diferentes demandas, bem como os grupos que produzem teologia para a *libertação* das diferentes identidades já não conseguem estabelecer um *plano comum* visando *igualdade* diante de *todos*. Talvez não seja tão cedo para interpretar que grande parte dessas novas frentes da TdL flertam com o neoliberalismo identitário que, segundo Mark Lilla (2018), tem por objetivo diferenciar uns dos outros. Segundo o mesmo autor, o único jeito de conseguir defender as minorias seria ter uma mensagem com apelo para o maior número possível de pessoas e assim uni-las; caso contrário, esse tipo de engajamento trará como resultado a pseudopolítica de autoestima e de autoidentificação (diria aqui: uma pseudoteologia da libertação) que estaria fazendo surgir novas formas de exclusão. Nesse aspecto, de uma ausência de um bem comum. Quem sabe o desafio atual esteja em refletir sobre a libertação da própria teologia do neoliberalismo, trazendo a crítica (à) da religião quando esta obstaculiza, igualmente na esfera progressista, um debate que não desvincule conceitos caros que ajudaram a formular a própria TdL, como: alienação, classe,

produto/mercado – para que essa teologia, com suas outras frentes, não seja definida por querer libertar apenas aqueles que correspondam identitariamente?!

## REFERÊNCIAS

- Ashtor, G. (2021). *Homo psyche: On queer theory and erotophobia*. Fordham University Press.
- Barreto Jr., R. C. (2019). *Evangélicos e pobreza no Brasil: Encontros e respostas éticas* (2ª ed.). Recriar.
- Bittencourt Filho, J. (2014). *Caminhos do protestantismo militante: ISAL e Conferência do Nordeste*. Unida.
- Gonçalves, J. (2022). *As imposturas identitárias: África e reflexo no Brasil*. Garamond.
- Fiorenza, E. S. (2013). *Poder, diversidad y religión*. Sebila.
- Lilla, M. (2018). *O progressista de ontem e o do amanhã: Desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias*. Companhia das Letras.
- Martins, P. H. (2019). *Teoria crítica da colonialidade*. Ateliê de Humanidades.
- McGeoch, G. (Org.). (2024). *Teologia da libertação na América Latina: novas sementes de inquietação*. Recriar.
- Scruton, R. (2014). *Pensadores da nova esquerda*. É Realizações.
- Scruton, R. (2018). *Tolos, fraudes e militantes: Pensadores da nova esquerda*. Record.
- Shaul, R. (1985). A forma da igreja na nova diáspora. In R. Alves (Org.), *De dentro do furacão: Richard Shaul e os primórdios da teologia da libertação*. Sagarana, CEDI, CLAI, Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
- Shaul, R. (1968). Revolução: Herança e opção contemporânea. In C. Oglesby & R. Shaul, *Reação e mudança*. Paz e Terra.

**Apoio:** Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Processo SEI-260002/002133/2025.

**Conflito de interesses:** O autor declara não haver conflito de interesses.

**Recebido em:** 21-03-2025.

**Aprovado em:** 31-03-2026

**Editora de seção:** Giseli do Prado Siqueira.